

CURRAIS DESPROVIDOS DE COBERTURA

Elementos para o estudo tipológico da arquitectura rural

Por

MARGARIDA RIBEIRO

Numa extensão geográfica que abrange o concelho de Mafra e se estende pelo curso médio e inferior do Guadiana, pelo centro dos distritos de Évora e Beja e norte dos concelhos de Loulé e Tavira, encontram-se os currais de planta circular, delimitados por um muro e desprovidos de cobertura.

Abundam nas regiões montanhosas de constituição xistosa, especialmente nos concelhos de Mértola, Alcoutim e Tavira.

Enquanto, no sul, apresentam um diâmetro que não excede os 10 metros, os currais que estudámos nos concelhos de Serpa, Moura (Santo Amador), Barrancos e Évora atingem os 17 e possuem uma construção mais sólida e perfeita.

A técnica consiste no emprego de fragmentos naturais de xisto, seleccionados por tamanho ou percutidos, dispostos em camadas paralelas, *a matar*, isto é, de modo que o centro de uma laje assente sobre a união de duas lajes da camada imediatamente inferior.

Este muro circundante foi realizado sobre um alicerce praticado a cerca de 0,60 m de profundidade, excede, geralmente, a espessura de 0,70 m e ultrapassa, por vezes, a altura de um homem.

Apresenta um espaço interrompido que funciona de porta, cujas ombreiras foram reforçadas com a utilização de pedras de maiores dimensões ligadas com barro e dispostas, alternadamente, no sentido



Fig. 1

Curral do Monte da Pedra Furada (Barrancos)



Fig. 2

Curral da Tapada do Rei (Vila Viçosa). É utilizado durante o Verão, para a sesta do gado bovino. Possui, no interior, uma nora e foi, outrora, uma horta. Apresenta, à esquerda, uma passagem destinada ao gado e que se fecha com uma cancela amovível

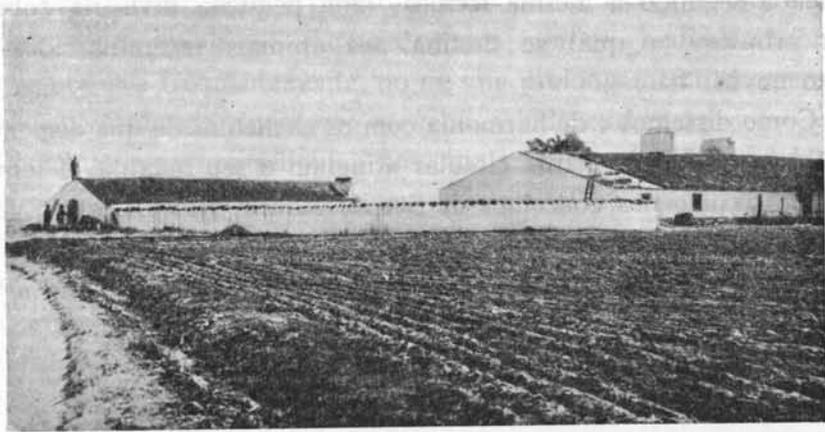


Fig. 3

Curral do Monte do Loureiro (Évora). Notar o aproveitamento das paredes das casas adjuntas, em cujos esquinais se fixaram os quícios da cancela dupla da entrada para o curral

transversal e longitudinal, e mostra, no extremo superior, uma fieira de lajes mais espessas, colocadas obliquamente, a fim de exercerem pressão sobre a última camada paralela, impedindo que esta se arruine.

O espaço interior destes currais de grandes dimensões está dividido, frequentemente, ao meio, para o que se utilizou um muro de pedra seca, idêntico ao circundante e disposto perpendicularmente a uma das ombreiras da porta, sem a atingir, formando, antes, uma passagem mais estreita, mas de características idênticas às da abertura já descrita.

A porta externa está virada, geralmente, ao poente, e vê-se dotada, por vezes, de um cancelim de madeira, cujos quícios foram solucionados de acordo com a técnica tradicional: introdução de cada um dos espigões existentes no extremo lateral e na parte superior e inferior da cancela no orifício artificial da respectiva lage, que se cravou na parede, a fim de fixar e suportar aquela.

Do lado da porta interior e virada ao nascente, apoiada no muro circundante que suporta, como se deduz, o peso e a compressão resultante da conjugação de forças, alguns currais deste tipo apresentam,

edificada segundo a mesma técnica, uma pequena divisória coberta com arbustos, a qual se destina aos animais recém-nascidos ou muito novos.

Como dissemos e de harmonia com os elementos de que dispomos, estas construções de planta circular atingiam o seu máximo desenvolvimento técnico nos concelhos de Serpa, Moura, Barrancos e Évora, apresentando-se, algumas delas, depois de revestidas de barro ou de argamassa, totalmente caiadas, ou mostrando, apenas, com a cor

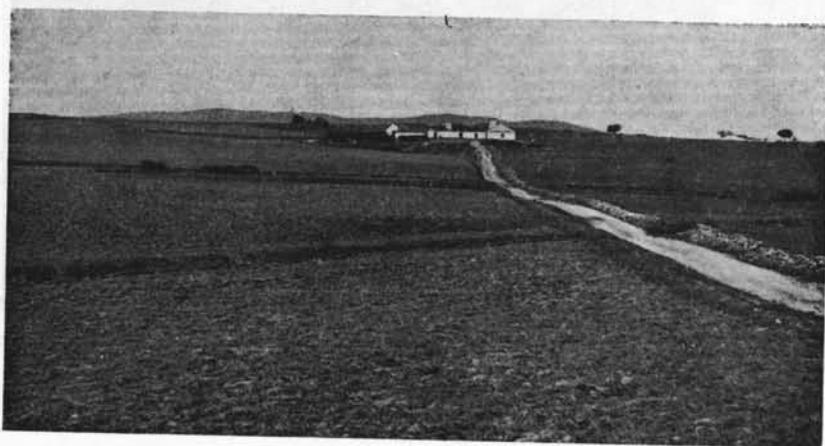


Fig. 4

Aspecto geográfico do centro alentejano, vendo-se o curral circular do Monte da Gorda (Arraiolos), realizado com elementos vegetais e barro

natural da piçarra, a camada superior que foi disposta no sentido oblíquo ao eixo de cada pedra.

Encontram-se associadas, por vezes, a cerrados, nos quais se cultivam plantas hortícolas, e a outras construções de planta circular, às quais aludiremos com a indispensável minúcia, apresentando os currais descritos formas delimitadas por uma simples fracção de arco e pelas paredes adjuntas de outras construções, por menor esforço, ou por necessidade de aproveitamento de certo espaço.

Estes currais limitados por um grande arco e pelos muros rectilíneos que lhe estão anexos podem considerar-se uma forma de evolução das antigas instalações pecuárias do latifúndio, as quais se locali-

zavam, para preservação e pronto-socorro contra os lobos, junto da grande e sólida habitação patronal e dos criados, realizada, como ainda se observa frequentemente, no mesmo prolongamento de muros, embora apresentando divisões e serventias independentes.

Constituem um paradigma, nos quais podemos filiar a origem daqueles, os currais que se vêem na mesma região, esporadicamente, a caminhar para o total desaparecimento, e são edificados com elementos vegetais da flora local fortalecidos com um revestimento de barro, formando arco, cujos extremos se inserem nas paredes robustas das construções anexas.

Não é difícil de compreender o processo técnico deste tipo de construção tradicional, quer na sustentação, quer na solução dos pontos de apoio.

Uma vala praticada na periferia do arco, uma fieira simples, ou dupla, de estacas de madeira dispostas a distâncias calculadas, preen-



Fig. 5

Curral do Rio, em Lombardos (Mértola), pertencente ao Sr. António da Luz. Fecha-se com arbustos secos e pedras



Fig. 6

Aspecto geográfico de Balurcos (Algarve), mostrando um curral

chimento dos espaços com estevas que, normalmente, são arrancadas pela raiz, a fim de que, pelo enterramento na vala, possam oferecer maior resistência, constituem as normas técnicas de aplicação.

Observa-se, seguidamente, a boa ligação da sebe às respectivas estacas, consolidando-se a edificação com o enchimento dos interstícios e um revestimento espesso de barro, sobre cuja extremidade superior se colocam carapeteiros, para impedir a entrada da chuva.

Destas construções elementares evolveram, segundo cremos, os currais de pedra seca reduzidos a uma fracção de círculo, os quais atingem o seu máximo desenvolvimento arquitectónico nos exemplos construídos em círculo completo e sem necessidade do amparo de outras construções contíguas, em virtude da substituição dos elementos frágeis da flora pelo uso de fragmentos de rocha.

Como demonstração típica, podem tomar-se como paradigma os currais do Monte da Pedra Furada, de Barrancos (Fig. 1), o da Tapada do Rei, em Vila Viçosa (Fig. 2), o do Monte do Louseiro, em Évora (Fig. 3), o qual é constituído, apenas, por cerca de 1/3 do arco do círculo que corresponde à medida do raio utilizado, e cujos

extremos se vão inserir na parte mais anterior das casas que o limitam e fecham, e pelo curral do Monte da Gorda, em Arraiolos (Fig. 4), edificado, inteiramente, com elementos vegetais.

As dimensões destes currais são próprias do latifúndio, como aliás se deduz e estão associadas à criação de gado bovino.

As construções afins que se verificam no sul, com extraordinária frequência, especialmente nos concelhos de Mértola, Alcoutim, Tavira e norte de Loulé, nos quais se introduziu o minifúndio, devem ser encaradas, de preferência, como determinante do factor mesológico.

As mais antigas, que jazem em ruínas no topo dos cerros, as que foram abandonadas e as que se encontram povoadas, documentam-nos, eloquentemente, autorizando-nos a reconhecer o tipo económico adoptado, em face da pobreza de um solo continuamente rasgado por afloramentos paleozóicos.

O latifúndio possui, aqui, características diferentes e de transição, e a solução económica da comunidade é, predominantemente, pastoril, locupletando-se com as indústrias derivadas.

Os rebanhos de cabras, dada a ausência de pradarias e a pouca exigência daqueles animais, foram os mais abundantes, com excepção do concelho de Mértola, no qual os bovídeos da raça «mertolenga»,

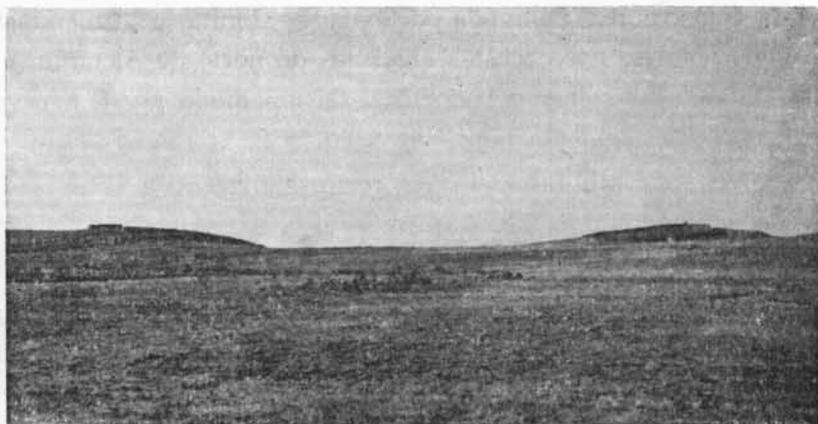


Fig. 7

Aspecto geográfico de Bombeira Velha (Mértola), vendo-se, à esquerda, um curral e, à direita, um cercado cultivado de cevada e o *maroiço* que lhe está adjunto



Fig. 8

Maroiço fotografado junto do caminho que nos conduz a Vicentes (Mértola). Notar os fragmentos de madeira para suspensão de sacos ou roupa

muito resistente e rústica, constituíram um recurso económico, cuja relevância importa considerar.

A espécie arbórea, cultivada por extensão, limita-se à amendoeira, como pode notar-se nas encostas algarvias do norte de Alcoutim e de Tavira, estando as colheitas reduzidas, de um modo geral, à cevada branca, ao centeio e a um pouco de trigo.

Os *arrifes* (= afloramentos da rocha subjacente), como se diz em Mértola, impedindo a lavra, provocam o abandono dos cerros ao sargaço e à esteva, que são os arbustos silvestres, que ali dominam.

A multiplicidade de exemplos que se nos apresenta, justifica-se com a utilização temporária de cada rural, praticando-se a transumância, em virtude de se *estazarem* (= esgotarem) as pastagens, muito depressa.

Estes currais apresentam, comumente, uma construção mais rude e menos homogénea, sendo a abertura que funciona de porta

obstruída, quase sempre, com pedras de grandes dimensões, ramos espessos ou arbustos.

Na maior extensão do concelho de Mértola, junto ao Guadiana e ao longo dos cursos do Vascão e do Oeiras, no concelho de Alcoutim, na área de Martim Longo e ao sul do concelho de Almodôvar, encontram-se numerosos exemplos associados, por vezes, a construções similares, conhecidas pelo nome de *cercados*, sendo usadas como meio de preservar dos gados a cevada ou o centeio, que se cultivaram no interior.

Os currais estão ligados, ainda, na área geográfica discriminada, à construção intencional, segundo a mesma técnica, de *maroiços* (= medidas de pedra, de base quadrangular), cuja finalidade consiste em produzir sombra, protegendo os pastores da ardência do sol ou da chuva, em virtude de não haver árvores sob as quais se possam abrigar.

Formas degeneradas e análogas verificam-se, a norte, no concelho de Marvão, junto da velha carreteira que se dirige para Portalegre,

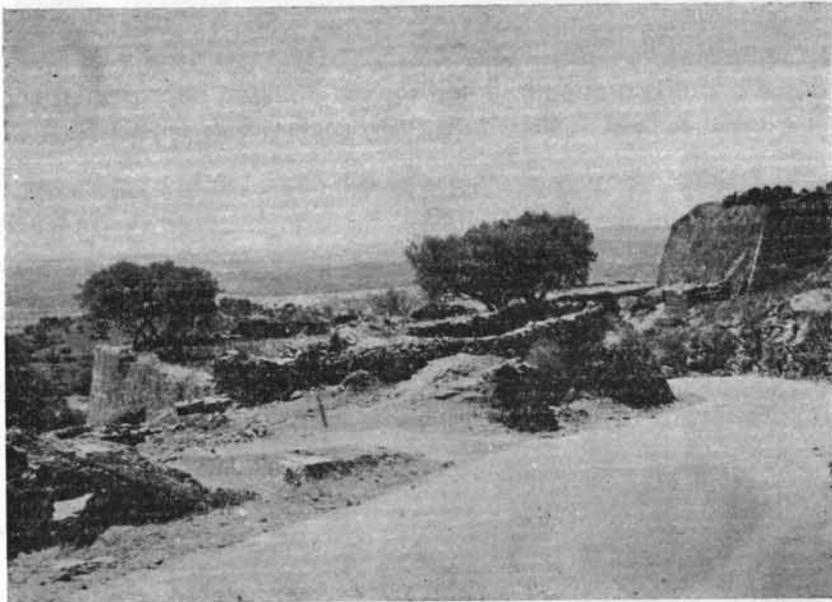


Fig. 9

Curral de técnica degenerada e já abandonado (Monsaraz)

e em Monsaraz, associadas, aqui, ao emprego de taipa e uso frequente de grandes lajes, com as quais se delimitam os quintais existentes junto das habitações e se constroem pocilgos.

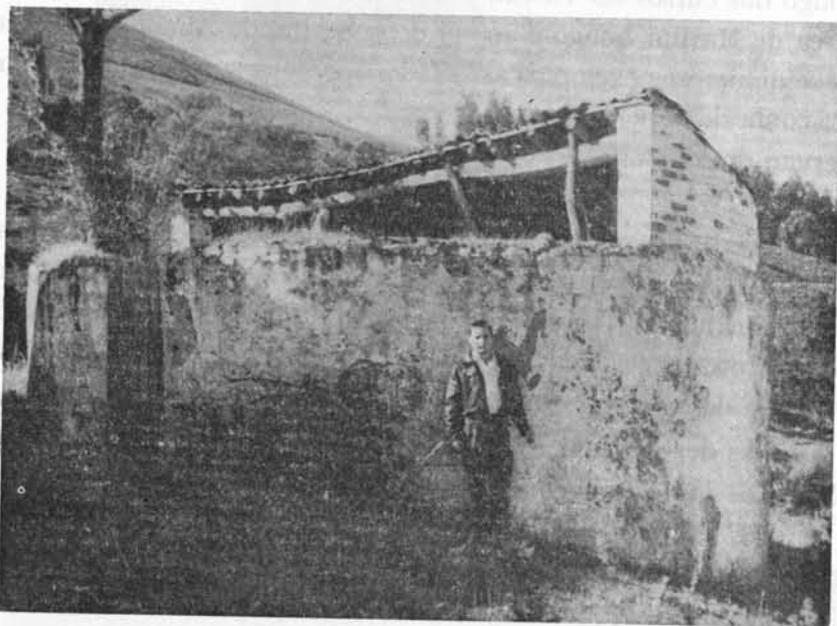


Fig. 10

Curral do Casal de Monte Leite (Malveira), dotado de um postigo



Fig. 11

Casal de Monte Leite (Malveira). Note-se o telhado oblíquo que cobre a construção postiga para aproveitamento e adaptação do curral a nova função

Como exemplificação do exposto notem-se, pois, os currais do Rio, em Lombardos (Fig. 5) e o da Serra de Balurcos, no Algarve (Fig. 6), situado a cerca de 350 metros da estrada que sai de Mértola e se dirige para o Barranco do Velho.

Observem-se, também o curral e o cercado reproduzidos na mesma fotografia, com a qual tentamos dar uma ideia do aspecto geográfico de Bombeira Velha (Fig. 7), área onde dominam tais construções típicas e se situa no caminho que liga a aldeia de Álamo a Lombardos (Mértola).

Consideramos digno de exame o *maroiço* (Fig. 8) que fotografámos junto da aldeia de Vicentes (Mértola), próximo do Guadiana, e um dos currais que considerámos de técnica degenerada (Fig. 9).

No Monte Leite, situado na área do Cretácio inferior, onde se verifica a existência de afloramentos do complexo basáltico e de rochas plutónicas, subsiste o único curral circular ainda intacto, embora utilizado como anexo do Casal pertencente ao Sr. Augusto Luís Tomás, de 60 anos de idade, localizado a cerca de 500 metros da estrada, que liga a Malveira a Mafra.

O telheiro que possui é um postiço destinado a cobrir o forno que ali se construiu para cozedura de pão.

Há 20 anos atrás, como nos informaram, naquele Monte Leite onde outrora se praticava a criação de gado bravo em espaço livre, existiam currais idênticos para neles se abrigarem os animais de cada criador.

Efectivamente, na encosta do lado oposto ao Casal encontrámos ruínas de alguns, construídos com a pedra da região ligada com argamassa.

Os documentos respectivos (Figs. 10 e 11) dispensam a enumeração de pormenores.

Verificamos, em conclusão, que os currais de planta circular desprovidos de cobertura se disseminam por uma extensa área e são uma expressão elementar de um tipo de arquitectura, cuja prática se tornou tradicional.

RESUMÉ

D'après l'étude de l'auteur, les étables circulaires dépourvus de couverture ont leur expression plus ancienne, démontrée par l'exemple de survivance qui se trouve chez le Monte da Gorda (Arraiolos), dont l'étable a été édifié, seulement, avec des éléments de la flore du pays, enfonçant leurs racines dans un fossé creusé d'avance et fortifiant la bâtisse au moyen d'un pilotage et d'une couche d'argile.

Les étables circulaires se développent, selon les matériaux utilisés.

Leurs dimensions sont déterminées par l'extension de la propriété rurale.